

## RESENHA DE “MORFOLOGIA DO PORTUGUÊS”, DE ALINA VILLALVA

Maria Carlota Rosa<sup>1</sup>

carlota@ufrj.br

*Morfologia do português* constitui-se no 305º texto de base, ou manual, editado pela Universidade Aberta de Portugal. É, por conseguinte, material voltado, primordialmente, para o aluno de um curso universitário adequado ao Processo de Bolonha, na modalidade a distância. A finalidade pedagógica faz preceder cada um dos quatro capítulos em que se estrutura a obra por uma página com os objetivos (e as competências) que o aluno deverá alcançar a cada capítulo. Como outros manuais universitários, cada capítulo finda com um resumo (*Tópicos de recapitulação geral*), um conjunto de exercícios e uma lista de títulos para leitura ou consulta. O volume tem formato um pouco maior que o usual, mas já conhecido nos textos de base da Universidade Aberta (29,5 cm x 21 cm), o que possibilita à diagramação o emprego de notas nas margens externas alinhadas com o ponto no texto onde estão os índices. Esses aspectos, somados à fonte empregada, um pouco maior também que o habitual, conferem ao volume um aspecto agradável à leitura.

Além do índice geral (p. 5-7), de uma *Nota Prévia* (p. 9) e uma lista de *Siglas e Abreviaturas* (p. 11), a obra compõe-se de quatro capítulos: 1- *Sobre morfologia* (p. 13-42); 2 - *O léxico do português* (p. 43-76); 3 - *Unidade lexicais e constituintes morfológicos* (p. 77-143); 4 - *A estrutura morfológica* (p. 145-197). A solução para os exercícios (p. 199-219) e as referências (p. 221-226) encerram o volume. A colaboração de Maria Helena Mateus constitui a terceira seção do último capítulo e trata da *Análise fonológica de processos morfológicos*.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

A obra inscreve-se no contexto da Teoria X-Barra, mais precisamente, no modelo *phrase structure grammar* de Lisa Selkirk (1982)<sup>2</sup> e de Edwin Williams (1981)<sup>3</sup>. A obra trabalha, por conseguinte, com uma sintaxe morfológica – cujos constituintes, estruturados numa hierarquia representada em árvore de ramificações binárias, terão as funções de *núcleo*, *especificador*, *complemento* e *modificador*, sendo os nós terminais *radical* e *afixo*, “os dois tipos de constituintes morfológicos terminais disponíveis no Português” (p. 79) –, que se completa com convenções de *percolação*. *Constituinte morfológico* é denominação que substitui *morfema*, na medida em que, embora seja uma unidade mínima, não tem necessariamente significado (p. 82). É, por conseguinte, morfologia concatenativa, que não toma a palavra por base (no sentido de *word-based morphology*).

A defesa da morfologia como domínio a cujo interior a sintaxe não tem acesso está reiterada na referência ao *átomo sintático* de Di Sciulo & Williams (1987<sup>4</sup>):

À semelhança de Di Sciulo & Williams [...], pode afirmar-se que as palavras são **átomos sintáticos**, ou seja, são unidades sintacticamente inanalísáveis: a sintaxe não tem acesso a qualquer informação sobre sua estrutura interna e não pode operar sobre seus constituintes (p. 20 - *ênfase no original*).

O lexicalismo radical de Di Sciulo & Williams (1987) nega a possibilidade de a morfologia e a sintaxe poderem interagir no domínio da flexão, e assim,

[a] existência de uma posição chamada flexão morfológica não deve ser entendida como uma exigência de realização morfológica de flexão, mas sim como uma restrição quanto ao lugar que a flexão pode ocupar na estrutura morfológica: a haver flexão, ela ocorre na sua posição canónica, que é a posição final (p. 26).

Uma vez adotada a morfologia concatenativa, toda a flexão passa a ser sufixal. O terceiro e o quarto capítulo, respectivamente *Unidade lexicais e constituintes morfológicos* e *A estrutura morfológica*, constituem-se, materialmente, em cerca de dois terços da obra e representam o esforço para apresentar o modelo de análise e sua aplicação ao português.

O primeiro capítulo, *Sobre morfologia*, tem início com um dos temas caros à morfologia, que é a discussão do conceito de *palavra* (*Definições de palavra*, p. 17-25).

---

<sup>2</sup> SELKIRK, L. 1982. *The Syntax of Words*. Cambridge, MA: MIT Press.

<sup>3</sup> WILLIAMS, E. 1981. On the notions ‘lexically related’ and ‘head of a word’. *LI* 12, 245-274.

<sup>4</sup> DI SCIULO, A. M. & WILLIAMS, E. 1987. *On the definition of word*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.

Textos não-lingüísticos procuram tornar o tema aprazível ao aluno iniciante, exemplificando seqüências sonoras intencionalmente ambíguas para fins estéticos

na seqüência do verso *dans le sang et sur la peau*, [Chico Buarque, Joana Francesa – MCR] *geme* pode ser compreendido como *j'aime*" - p. 19

para demonstrar que

[a] segmentação do contínuo sonoro exige .... a identificação da língua em que é gerado, ou seja, é preciso reconhecer o sistema lingüístico a que um dado contínuo sonoro pertence para conseguir identificar as palavras que o constituem.

São ali focalizados os significados para *palavra fonológica*, *átomo sintático*, *lexema*, para concluir que “[a] definição de palavra em **morfologia** não coincide com nenhuma das anteriores” e que a palavra não é um primitivo, porque (p. 22 – *ênfase no original*), “[p]ara a morfologia, as palavras são estruturas, ou seja, são unidades analisáveis em unidades menores a que se dá o nome de **constituintes morfológicos**”.

Em razão de ser um manual, seria interessante haver uma nota sobre o significado que o termo *lexema* assume em outros autores de grande repercussão na literatura lingüística, caso de Matthews (1972<sup>5</sup>; 1991<sup>6</sup>), referência para autores como Anderson (1992<sup>7</sup>) ou Aronoff (1994<sup>8</sup>), por exemplo. *Lexema* é “[a] definição semântica de palavra” (p. 21), conceito empregado em contraste com *operador gramatical*:

*copo*, por exemplo, é um segmento do contínuo sonoro a que está associado um lexema que garante sua interpretação como ‘recipiente utilizado para beber’ e um operador que o quantifica como ‘singular’ (p. 22 – *ênfase no original*)

A definição para palavra como objeto da morfologia é apresentada na solução dos exercícios: “palavra é uma projeção máxima de um radical, obtida por especificação morfológica (que forma o tema) e posterior especificação morfo-sintática” (p. 201).

A segunda seção, *Análise morfológica e formação de palavras* (p. 26-36), retoma o esquema básico de estrutura da palavra em português (p. 23) para a explicação de *palavras simples* e *palavras complexas*. O conceito de *palavra complexa* é aprofundado tomando a *composicionalidade* como fio condutor, o que leva aos conceitos de *lexicalização*, de *produtividade*, de *palavra possível*, *palavra existente* e

<sup>5</sup> MATTHEWS, P. H. 1972. *Inflectional morphology: A theoretical study based on aspects of latin verb conjugation*. Cambridge, Gr. Brit.: Cambridge University Press.

<sup>6</sup> MATTHEWS, P. H. 1991. *Morphology*. Cambridge, Gr. Brit.: Cambridge University Press.

<sup>7</sup> ANDERSON, S. R. 1992. *A-morphous morphology*. Cambridge, Gr. Brit.: Cambridge University Press.

<sup>8</sup> ARONOFF, M. 1994. *Morphology by itself*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.

*palavra atestada* e à noção de *bloqueio*. Segue-se uma apresentação do lugar da morfologia na gramática (p. 36-37).

*Produtividade* é definida como “uma propriedade dos processos de formação de palavras que diz respeito à medida de frequência do seu uso” (p. 34), o que a distingue da noção proposta em Aronoff (1976<sup>9</sup>), mas, em razão do enquadramento teórico, não é o foco principal da obra, que recai na análise das estruturas em português. Por exemplo: na p. 92 aponta-se o sufixo *-ez* como um caso de alomorfia em relação a *-eza*, ocorrendo

associado a radicais adjetivais que contêm duas ou mais vogais (e.g. *altivez, estupidez, invalidez, timidez*). Nos restantes casos, a forma do sufixo é *-eza* (e.g. *beleza, dureza, pureza, riqueza*).

Tal descrição leva a entender que *-ez* e *-eza* estão ativos na formação de novas palavras; no entanto, há quase 20 anos Sandmann (1992: 39<sup>10</sup>) declarava que não tinha encontrado “formações novas em *-ez* (*estúpido -estupidez*)”, a não ser um *hápax*, SOZINHEZ, ouvido num programa de televisão (Sandmann, 1992: 74), e que, por conseguinte, esse era um sufixo improdutivo.

A última seção antes da *Recapitulação* (*Os estudos de morfologia* – p. 37-38) apresenta os três modelos de análise, a saber, Palavra e Paradigma, Item e Arranjo e Item e Processo, e insere o trabalho no quadro da Teoria X-Barra da gramática gerativa. Os *Exercícios* (p. 41) fazem uma boa revisão do conteúdo do capítulo, embora não focalizem todos os objetivos/competências previstos para a unidade (p. 15); têm solução sugerida no final do volume (p. 201-203). No tocante às *Leituras complementares* (p. 42), tanto nesse como nos demais capítulos, a seção ressent-se da falta de algum tipo de orientação para o estudante que vá além da referência bibliográfica. Por exemplo: *The Handbook of Morphology*, uma das leituras complementares sugeridas, é uma coletânea de 32 artigos de diversos autores. Reunidos, somam 815 páginas e focalizam a morfologia sob perspectivas teóricas não necessariamente idênticas àquela suportada por *Morfologia do português* e focalizam aspectos que fogem ao escopo de *Morfologia do português*, mas, especialmente aos objetivos desse primeiro capítulo.

O segundo capítulo, *O léxico do português*, tem início com um histórico da formação do vocabulário português (p. 48-50), lançando mão de conceitos como

---

<sup>9</sup> ARONOFF, M. 1976. *Word formation in generative grammar*. Cambridge, Mass : The MIT Press.

<sup>10</sup> SANDMANN, A. 1992. *Morfologia lexical*. São Paulo : Contexto.

*substrato* e *superstrato*, passando à noção de *neologismo* (p. 50-51), fio condutor do restante do capítulo. A terceira seção (p. 52-71) é inovadora em trabalhos sobre a morfologia do português. Defende que a morfologia não é responsável por todas as palavras da língua. Três textos literários apresentam um número abundante de exemplos de *invenção de palavras* – casos de “sequência fonética [...] reconhecível como palavra dessa língua”, cuja “categorização sintática seja plausível” (p. 52) – e serão o ponto de partida para os dois tipos gerais apontados: de um lado, a criação de novas palavras (*palavras onomatopaicas*, *amálgama*, *eponímia* e *extensão semântica*); de outro, recursos “que não se propõem criar novas palavras, mas sim formas mais ágeis de utilizar sequências de palavras já existentes” (p. 58), que são o *truncamento*, a *acronímia*, a *sigla*, a *abreviação*, este último incluído apesar do reconhecimento de que se constitui num fenômeno unicamente ortográfico. *Empréstimos* ganham uma seção extensa (p. 64-71), que detalha as origens dos empréstimos do português. Aqui, um comentário marginal: na p. 54 afirma-se que *bem-te-vi* é designação informal, atestada no Brasil, para *colibri*. Consultado, Dante Teixeira<sup>11</sup> (c. p. ) notou que talvez se pretendesse falar não de *bem-te-vi*, mas de *beija-flor*:

*beija-flor* seria um brasileirismo que parece remontar ao século XVIII. A variante *pica-flor* também foi assinalada no XVIII, enquanto *beija-flor* é mais recente (XIX). Por outro lado, *pega-flor* (sob forma de *pegafrol*) é bem mais antiga, tendo sido registrada já em meados do século XVII.

Quanto a *colibri* e *bem-te-vi*, Teixeira assinalou que:

*Colibri* é um termo geral, aplicado aos Trochilidae (Apodiformes), enquanto *bem-te-vi* é o nome onomatopaico de *Pitangus sulphuratus*, um Passeriforme da família Tyrannidae.

O conteúdo do capítulo se encerra com uma breve seção *Sobre arcaísmos e dialectalismos* (p. 72). Os *Exercícios* (p. 74-75) procuram avaliar o conhecimento no tocante à origem de palavras específicas e têm sugestão de resposta nas páginas 204-208. O conjunto de questões se ressentem da ausência de alguma que retome a questão teórica importante de que trata a terceira seção, que aprofunde os aspectos teóricos que levaram a considerar formações resultantes de processo não morfológico não somente truncamentos, siglas e acrônimos, mas, por exemplo, formações como *acaciano*, *sebastianismo* (p. 56) ou *A/c*, *1º* e *1ª* (p. 63). Cabe notar que a distinção entre nomes próprios e comuns será considerada morfológicamente relevante (p. 95-96), porque

---

<sup>11</sup> Professor do Departamento de Vertebrados do Museu Nacional/UFRJ.

alguns processos selecionam obrigatoriamente um radical [-comum]. Por seu turno, é difícil compreender *1º* como “forma .... sinónima de uma palavra existente na língua” (p. 62), no caso, sinônima de *primeiro*, grafado por extenso, a não ser que se redefina *sinônimo* e que não se leve em conta que a “definição ortográfica de palavra não serve à análise linguística” (p. 201).

*Morfologia do português* é uma obra didática diferenciada, na medida em que procura aplicar o modelo X-Barra à morfologia do português. Esse esforço é muito bem-vindo, até porque sua leitura é instigante.

VILLALVA, Alina. *Morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta, 2008.